

## **A OFICINA DO BOI-DE-MAMÃO NA ESCOLA DILMA LÚCIA DOS SANTOS: ESTABELECENDO UMA RELAÇÃO ENTRE A COMUNIDADE E O ESPAÇO ESCOLAR**

**Isabella Cristina de Souza**

Licenciada e Bacharela em História pela UFSC  
Rua Professor Milton Sullivan, nº. 50, apto 301, Carvoeira, Florianópolis  
(48) 9953-0977

[isabellacsouza@hotmail.com](mailto:isabellacsouza@hotmail.com)

**Resumo:** O objeto de estudo deste artigo é a Oficina do Boi-de-mamão, realizada na Escola Municipal Dilma Lúcia dos Santos, no bairro da Armação, em Florianópolis. Através de uma pesquisa realizada no espaço escolar no segundo semestre de 2011, o artigo analisa a relação que a Escola estabelece com a comunidade em que está inserida, através do folguedo do Boi-de-mamão. Mas também discute como a Escola atua enquanto centro cultural no bairro e enquanto agente de produção e construção do Patrimônio Cultural.

**Palavras-chave:** Boi-de-mamão; Patrimônio; Educação; Ensino de História.

**Grupo de Trabalho:** GT 8 – Folclore e Práticas Educacionais

Durante o segundo semestre de 2011 realizamos o Estágio Supervisionado em História I, que representou nosso primeiro contato com a Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos, localizada no bairro Armação, em Florianópolis. Neste momento do Estágio estava previsto que, além da observação de algumas aulas de História, desenvolvêssemos uma pesquisa sobre a Escola, seus projetos e sua relação com a comunidade.

Dentre os projetos da Escola, o que teve maior destaque durante nossa pesquisa no Estágio foi a Oficina do Boi-de-mamão, oferecida pelo *Programa Escola Aberta para a Cidadania*, da Prefeitura de Florianópolis. O objetivo de nossa pesquisa – e é o que será abordado neste artigo – é investigar a relação que a Escola estabelece com a comunidade em que está inserida, através do folguedo do Boi-de-mamão. Além disso, refletir sobre como a Escola atua enquanto centro cultural no bairro e enquanto agente de produção e construção do Patrimônio Cultural.

Vale mencionar que na Escola, além da Oficina do Boi-de-mamão, são desenvolvidos diversos projetos, cada um com uma abordagem diferente, mas que se interligam<sup>1</sup>. Os projetos têm relação com a preservação do meio ambiente, reciclagem e cultura local, e tem como objetivo despertar a consciência dos alunos para a preservação da cultura e do meio ambiente. Através desses projetos foi possível identificar que a Escola estabelece uma sólida relação com a comunidade em que está inserida.

Também conhecido como Boi-de-pano, o Boi-de-mamão fazia parte, tradicionalmente, de um ciclo de festas populares de Natal do litoral catarinense. De acordo com Doralécio Soares, esse ciclo de festas era composto, além do Boi, pelo Terno de Reis e pelos Cacumbis. No folclore brasileiro existe com diversos nomes: Bumba-meu-

boi, Boi-bumbá, Boi-pintadinho, Boi-de-rei, Boizinho, Boi-da-cara-preta, Boi-calembra (SOARES, 1970: 48).

Inicialmente, em Santa Catarina, a brincadeira era conhecida por Bumba-meu-boi. Posteriormente, passou a se chamar Boi-de-pano. Dentre as muitas versões sobre a origem do nome do folguedo, existe a história de que com a pressa de se construir o Boi, foi utilizado um mamão verde para fazer a cabeça. O que levou a brincadeira a se chamar Boi-de-mamão. Há quem contrarie essa versão, dizendo que o mamão viria de boi que mama. As versões variam e são controversas, mas o tema é sempre o mesmo: a morte e ressurreição do Boi (MELO, 1948).

Na Ilha de Santa Catarina há dúvidas sobre o surgimento da primeira brincadeira de Boi. Alguns atribuem aos nordestinos a vinda do folguedo para a Ilha. Luís da Câmara Cascudo em seu dicionário sobre o Folclore Brasileiro, publicado em 1956, relaciona o Boi-de-mamão de Santa Catarina com o Bumba-meu-boi. “Toma esse nome o auto do Bumba-meu-boi de Santa Catarina” (CASCUDO, 1956). Mas há quem diga que a brincadeira veio da Espanha e Portugal. O folclorista catarinense Nereu do Vale Pereira, em sua monografia “Versando Cultura Popular em Santa Catarina”, publicada no ano de 1996, apresenta tal argumento: “Entendo que a dança folclórica do “Boi-de-mamão” catarinense tem vinculação tauromáquica e viés ibérico, especialmente Espanha” (PEREIRA, 1996). O primeiro registro sobre o Boi na Ilha foi feita por José Boiteux, em 1871 (SOARES, 1970: 50).

O Boi-de-mamão, portanto, é uma manifestação cultural praticada há muitos anos na cidade de Florianópolis, que está vinculada à memória e à identidade da cidade. No entanto, é preciso lembrar que, como a memória e a identidade são construções do presente, há um esforço não somente da Escola, como também dos agentes governamentais, que o folguedo do Boi-de-mamão continue sendo praticado, pois é considerado um Patrimônio por ser, num discurso majoritário, herança dos colonizadores açorianos. Apesar de, vale salientar, existir uma pluralidade de discursos sobre as “origens” do Boi-de-mamão na cidade.

Para compreender melhor o projeto do Boi-de-mamão foram realizadas leituras sobre o tema, mas também idas a campo: fomos à Escola durante três sábados e um domingo, para observar os ensaios e para assistir a apresentação do Boi, na *Feira Arte Cacareco*, promovida pela comunidade da Armação. Além disso, realizamos três entrevistas com pessoas que estão envolvidas na Oficina. São elas: Toni Alano, professor de artes cênicas, ministra a Oficina através da Fundação Franklin Cascaes – Fundação Cultural de Florianópolis; Altair L. Felipe, foi uma das primeiras participantes da Oficina e é orientadora pedagógica da Escola; e Roseli Maria da Silva Pereira, foi professora e diretora da Escola Dilma (1996 – 2004), é quem puxa a cantoria e participa da Oficina desde a década de 1990, atualmente está vinculada à Fundação Franklin Cascaes.



Figura 1: Ensaio da Oficina do Boi-de-mamão da Armação. Fonte: Arquivo das autoras.



Figura 2: Ensaio da Oficina do Boi-de-mamão da Armação. Fonte: Arquivo das autoras.

Os relatos orais se constituíram em importantes fontes para nossa pesquisa, porque não foi encontrado nenhum documento escrito sobre a Oficina do Boi-de-mamão no bairro da Armação. Além disso, como pretendíamos analisar, em um primeiro momento, a forma como a comunidade se relaciona com a Escola por meio do Boi, é imprescindível que experiências pessoais de participantes da Oficina sejam ouvidas e recuperadas.

É preciso ressaltar que as entrevistas são discursos carregados de subjetividades e resignificassões: muitas vezes o entrevistado pode selecionar em sua memória apenas o que lhe convém, podendo direcionar o relato de acordo com seus valores, inclinações políticas e ideológicas. A memória é também uma construção do passado, no entanto, é pautada em emoções e vivências. Ela é flexível, e os eventos são lembrados de acordo com as experiências subseqüentes e as necessidades do presente. (FERREIRA, 2009)

Uma das vantagens de se trabalhar com a História Oral – e é o que foi considerado durante nossa pesquisa – está em permitir o estudo das formas como as pessoas ou grupos efetuaram e elaboraram experiências, e como experimentaram o passado, sendo possível questionar interpretações generalizantes de determinados acontecimentos e conjunturas

(ALBERTI, 2006: 165). Foram utilizadas nesta pesquisa as entrevistas de tipo temáticas, que se referem a experiências ou processos específicos vividos ou testemunhados pelos entrevistados (DELGADO, 2006: 22), ou seja, neste caso, procuramos saber especificamente sobre a Oficina do Boi-de-mamão e a relação que é estabelecida entre o Boi, a Escola e comunidade.

É preciso atentar para o fato de que a constituição da memória é um objeto de negociação. A memória, de acordo com Michael Pollak, é fundamental para um grupo porque está relacionada com a construção de sua identidade. A memória é resultado de um trabalho de organização e de seleção do que é importante para o sentimento de unidade, de continuidade e de coerência. Antes de tudo, é preciso estar ciente que a memória é seletiva: nem tudo fica gravado ou registrado. Isso significa dizer que ela é um fenômeno construído social e individualmente, ou seja, o que a memória grava, exclui, “deleta” é o resultado de um verdadeiro trabalho de construção (POLLACK, 1992: 204)

Um aspecto muito interessante nas entrevistas realizadas para esta pesquisa foi que os sujeitos relataram diferentes versões acerca do surgimento do folguedo do Boi-de-mamão. De acordo com o professor Toni, o Boi-de-mamão é uma cultura completamente brasileira. Para ele, trata-se de uma homenagem que os brasileiros fizeram ao boi, que representava ajuda no trabalho. Na sua fala, Toni utiliza um discurso mais acadêmico, citando, inclusive, Darcy Ribeiro. Nas palavras do entrevistado:

Mas o Boi-de-mamão é uma cultura completamente brasileira. Não se sabe muito bem as origens, mas é algo brasileiro. O Boi-bumbá, Bumba-meu-boi. É uma homenagem que os brasileiros fizeram ao boi, que representava e ajudava no trabalho. Pro vaqueiro o boi era o que ia ao trabalho, o Brasil se forma com o boi, é o leva o Brasil para o interior, no processo de ocupação das terras. E essa homenagem ao boi, além de ser uma coisa ancestral, porque o mito do boi que morre e ressuscita é uma coisa milenar, vem de Creta. O próprio Deus do teatro, Dionísio, tem muita coisa relacionada ao boi, enfim... é um mito, uma coisa arquetípica. E no Brasil, e bastante comum aqui no sul, em Santa Catarina. Mas isso eu não tirei da minha cabeça não (risos), quem fala muito disso é o Darcy Ribeiro, que o boi democratiza a terra. (ALANO, 2011)

Já Roseli utiliza diversas vezes o termo “açoriano”, como fica perceptível na seguinte fala: “Ela [a Escola] foi premiada no segundo lugar, principalmente pelas características da nossa benzedeira, que tinha o aspecto açoriano, com a benzedura e tudo mais”. Além disso, a professora não relaciona em nenhum momento a brincadeira com outras culturas, como, por exemplo, a afrodescendente (PEREIRA, 2011). Altair, por sua vez, contando do seu interesse pelo Boi, contesta a origem açoriana:

Eu queria mais pesquisar pra ver, porque existia também a defesa de que ele [o Boi-de-mamão] tem uma origem açoriana e hoje até os autores já estão mudando essa fala... Nessa formação da Ilha conservando tradições e tudo mais, onde tinham negros, indígenas e açorianos, então todo mundo brincava. Ele tem muito uma característica ilhoa, bem da nossa região e não dá pra dizer que ele

e só açoriano, que ele é só africano, mas tem que desmistificar essa coisa de que ele tem origem açoriana. E uma das coisas que fez vir pra o Boi-de-mamão foi isso. (FELIPE, 2011)

Apesar do Boi-de-mamão ser uma antiga manifestação cultural na Ilha de Santa Catarina – inclusive no bairro da Armação – foi a partir de 1990, com o curso “A festa do Boi, só ama quem conhece”, que o Boi da Armação passou a ser institucionalizado, no sentido de haver um esforço por parte da Escola e do governo municipal em organizar o folguedo, construindo não apenas as cantorias, como também o figurino.

O curso tinha como objetivo difundir e valorizar a cultura do Boi-de-mamão em Florianópolis, e era ministrado aos professores de arte da rede municipal de Ensino, pela Universidade Federal de Santa Catarina, com apoio da Fundação Pró-Turismo de Florianópolis. A proposta do curso incluía a adesão dos professores na construção de um Boi-de-mamão nas escolas de origem e a posterior participação num concurso de Bois promovido pela Fundação Franklin Cascaes<sup>2</sup>.

Na Escola, o projeto era, inicialmente, orientado por Nei Batista de Souza, e foi motivado pela professora Marliese Vincenzi. Alunos e alunas criaram e modelaram em argila as bases para a confecção das máscaras dos personagens. Enquanto isso, outro grupo construía as armações em madeira do Boi, do Cavalinho, da Cabra, da Bernúncia e da Maricota. Os tecidos das roupas dos bichos foram doados por mães, professores e pela comunidade<sup>3</sup>. Esse é um aspecto muito relevante, que evidencia a maneira como o bairro é envolvido com o folguedo do Boi. Os professores foram orientados no curso a adicionar aos personagens do Boi um bicho que representasse a fauna local. Foi escolhido o jacaré, animal que tinha seu habitat na Lagoa do Peri, e que na época acreditava estar extinto. A escolha tinha o objetivo de conscientizar a preservação da fauna e ecossistemas da região<sup>4</sup>.

Um ano depois, foi realizado um concurso de Bois-de-mamão em frente à Catedral de Florianópolis, que contou com a presença de diferentes Escolas Municipais. O Boi-de-mamão da Armação conseguiu a terceira colocação. Foi o primeiro grupo na Ilha a colocar em cena a figura da bruxa açoriana, em homenagem ao professor e pesquisador Franklin Cascaes. É interessante perceber que, apesar do folguedo ter a mesma denominação, ou seja, “Boi-de-mamão”, há variações dependendo da região onde é praticado. Inclusive, dentro de uma mesma cidade, como é o caso de Florianópolis. Por exemplo, o Boi-de-mamão da Armação tem uma característica singular: a personagem Maricota é negra, fato que está ausente em outros Bois. Durante a entrevista, Altair relatou que a Maricota negra foi uma homenagem a ela:

A nossa Maricota eles fizeram em minha homenagem. Que a Maricota é um personagem que até dizem que veio de Blumenau, uma coisa assim... Mas a nossa Maricota é negra. (FELIPE, 2011)



Figura 3: A Maricota negra, nos ensaios da Oficina do Boi-de-mamão. Fonte: Arquivo das autoras.

As cantorias que embalam a apresentação do Boi-de-mamão também remetem para essas particularidades culturais locais. Como é possível observar na seguinte letra da música do Boi da Armação, “Jacaré, Urso e Macaco”:

Na lagoa do Peri, tinha muito jacaré/Homem veio e matou/Reclamar pra quem seu Zé/E o amigo macaco/Que no Peri já habitou/Veio brincar com a gente/E a gente se alegrou.<sup>5</sup>

Da mesma forma, Roseli afirma que

A nossa música não tem em todo o município, nem no estado de Santa Catarina. É uma música totalmente diferente, porque cada comunidade também faz adaptação da sua música conforme a comunidade. (...) Nós queremos incluir a baleia, porque aqui tem uma história muito forte vinculada à baleia, e às armações, vamos ver se dá certo. (PEREIRA, 2011)

A partir desse concurso, o grupo Boi-de-mamão da Armação passou a se apresentar em diversos eventos em várias partes do estado. Desde então, a Escola mantém o Boi como atividade extra-curricular. Hoje, a Oficina do Boi-de-mamão é oferecida às crianças e adolescentes no *Programa Escola Aberta*, que funciona nos finais de semana na Escola Professora Dilma Lúcia dos Santos.

O Patrimônio Cultural, atualmente, é analisado e estudado a partir de seu caráter "construído" ou "inventado". Cada nação, grupo, família, cada instituição constrói, no presente, o seu patrimônio, com o objetivo de articular e expressar sua identidade e sua memória (GONÇALVES, 2005). É neste sentido que, a partir de uma convivência no bairro e da experiência de pesquisa, percebemos que a Escola atua como um agente de produção e construção do Patrimônio Cultural, ao desenvolver a Oficina de Boi-de-mamão.

As cantorias do Boi-de-mamão da Armação são um exemplo interessante do quanto um determinado Patrimônio é construído. Todas as letras foram elaboradas por um grupo, em um local e em um período específico, no caso, na Escola e no curso de 1990. Roseli conta que foi realizada uma pesquisa voltada para a comunidade, dessa forma, toda música fala da vivência das pessoas do bairro. E nas palavras dela: “essas músicas foram todas construídas através desse primeiro Projeto e, a partir disso, ela é a música oficial do nosso Boi-de-mamão” (PEREIRA, 2011).

Esse caso parece estar relacionado com aquilo que José Reginaldo Gonçalves afirma, que é preciso que os objetos que compõem um Patrimônio encontrem "ressonância" junto a seu público. Ou seja, há situações em que determinados bens culturais não encontram respaldo ou reconhecimento junto a setores da população. Isso significa que a construção de um Patrimônio não depende apenas da vontade e decisão políticas de uma agência do Estado, e muito menos de uma atividade consciente e deliberada de indivíduos ou de grupos (GONÇALVES, 2005). O autor lembra que o passado é de interesse cultural apenas quando ele está ainda presente e pode tornar-se futuro. E continua:

Esse aspecto está relacionado com a categoria “patrimônio”, e se articula com a dimensão da subjetividade, uma vez que esta pressupõe sempre alguma forma específica de continuidade entre o passado, o presente e o futuro. (GONÇALVES, 2005)

Se explorarmos outras “dimensões do Patrimônio”, é possível encontrar formas de Patrimônio Cultural no mundo contemporâneo que estejam fortemente ligadas à experiência (GONÇALVES, 2005). Durante as entrevistas, percebemos que os responsáveis pela Oficina possuem alguma ligação com o bairro, e são envolvidos com o Boi-de-mamão antes mesmo da Oficina na Escola existir. E como afirma Roseli:

Muitos que estão aqui hoje, essas crianças [que participam da Oficina], são filhos de outras pessoas que já participaram do Boi-de-mamão. Eu acho importante trabalhar a questão da cultura do Boi pela questão do fortalecimento da nossa identidade cultural, das nossas raízes, o nosso folclore, pra que isso não acabe, e pra que passe de geração a geração. (PEREIRA, 2011)

Da mesma forma, quando o oficinairo Toni é questionado sobre a relevância da Oficina para o bairro, ele coloca que é importante

Pra própria identidade da escola e da comunidade que tem a ver com o Boi-de-mamão. Os pais já conhecem desde pequenos, os avós... Sempre quando a gente se apresenta é um grande sucesso, as pessoas se identificam mesmo. E, para quem faz, tem muito a ver com a auto-estima. (ALANO, 2011)

De acordo com Toni, a Oficina além de colocar os jovens do bairro em contato com esse folguedo, faz com que os estudantes criem vínculos com a brincadeira:

Com o tempo eles vão criando identidade com os bichos. Começam a querer ser donos dos bichos. Só quando eles chegam na fase da adolescência que começam a ir embora. (ALANO, 2011)

Isso mostra que um determinado Patrimônio Cultural nunca é um dado natural. Ou seja, as crianças podem até criar um vínculo com a brincadeira a partir da Oficina, mas isso só ocorre porque houve um esforço da Escola e da Prefeitura que essa relação fosse criada. Além disso, há uma questão muito importante na Oficina do Boi-de-mamão que é o fator social. Nas entrevistas com a Altair e o Toni, percebemos o quanto a Oficina contribui com a auto-estima dos estudantes, levando em consideração que os alunos e alunas que participam estão ali por vontade própria. Diferente da maioria dos trabalhos escolares desenvolvidos, que estimulam a produção individual, a Oficina desenvolve o trabalho coletivo, a discussão e a relação entre os estudantes. Também é preciso mencionar que a Oficina não leva em conta o desempenho do aluno ou aluna em sala de aula.

Através dos projetos desenvolvidos no espaço escolar que pesquisamos, percebemos que a Escola Dilma Lúcia dos Santos também atua como um centro cultural no bairro da Armação, porque é utilizada pelos estudantes e pela comunidade além do horário de aulas. Por meio dos projetos analisados, mais especificamente do Boi-de-mamão, observamos que há uma relação estreita entre a comunidade e a Escola. Talvez pela ausência de um centro comunitário, a Escola supre essa falta da infra-estrutura do bairro. No entanto, ainda que houvesse um centro cultural e comunitário adequado, acreditamos que todas as escolas deveriam cumprir essa função, e oferecer diversificados projetos além do horário de aula.

No entanto, como afirmou Altair em entrevista, a Escola só pode ter essa função quando a educação e o currículo escolar estão vinculados com a cultura popular. Apesar das discussões atuais que considera o Patrimônio Cultural uma construção – e concordamos com ela –, concluímos que o folguedo do Boi-de-mamão não é apenas uma manifestação cultural instituída pela Escola ou pelos agentes governamentais, mas encontra respaldo e retorno da própria comunidade, criando relações entre os moradores do bairro e o espaço escolar.



## Referências

ALANO, Toni. Entrevista concedida à Isabella Cristina de Souza e Letícia da Silva Gondim. Escola Dilma Lucia dos Santos, Armação do Pântano do Sul, Florianópolis, out./2011.

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla (Org.) **Fontes Históricas**. São Paulo: Contexto, 2010.

CASCUDO, Luis da Camara. **Dicionário do Folclore Brasileiro**. Rio de Janeiro, Ministério da Cultura e da Educação. Instituto Nacional do Livro, 1954.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **Historia Oral: memória, tempo, identidades**. Belo Horizonte: Autentica, 2006.

FELIPE, Altair. Entrevista concedida à Isabella Cristina de Souza e Letícia da Silva Gondim. Escola Dilma Lúcia dos Santos, Armação do Pântano do Sul, Florianópolis, out./2011.

FERREIRA, M. M. História, tempo presente e história oral. Topoi Revista de História [online], 2002, vol. 1, n. 5, pp. 314-332. Disponível em <<http://www.ppphis.ifcs.ufrj.br/media/topoi5a13.pdf>>. Acesso em 10 de abril de 2009.

GONÇALVES, José R. Ressonância, materialidade e subjetividade: as culturas como patrimônios. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 11, n. 23, p. 15 – 36, jan./jun, 2005.

MELO, Osvaldo. **O boi-de-mamão catarinense**. [s/e], 1949.

PEREIRA, Nereu do Vale. **O Boi de Mamão: suas raízes e origem**. Florianópolis, Monografia Versando a Cultura Popular de Santa Catarina. [s/e], 1996.

PEREIRA, Roseli. Entrevista concedida à Isabella Cristina de Souza e Letícia da Silva Gondim. Escola Dilma Lucia dos Santos, Armação do Pântano do Sul, Florianópolis, out./2011.

SOARES, Doralécio. **Aspectos do folclore catarinense**. Florianópolis: Ed. do autor, 1970.

---

## Notas

<sup>1</sup> Além da Oficina do Boi-de-mamão, os projetos levantados durante a pesquisa foram: *Plantar e colher um jeito de aprender; Rádio Escola; Programa de Reciclagem de Papel (Pro-Repa); CineClube Armação; Entorno Escolar; Projeto Mares do Sul e Marés*.

<sup>2</sup> Essas informações foram retiradas de um texto não publicado disponibilizado por Altair L. Felipe e pelas entrevistas realizadas ao longo da pesquisa.

<sup>3</sup> Ibidem.

<sup>4</sup> Ibidem.

<sup>5</sup> As letras estão disponíveis no blog: <http://boidemamaoebmarmacao.blogspot.com.br>